



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Praça São Pedro

Quarta-feira, 9 de novembro de 2016

[Multimídia]

Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

A vida de Jesus, sobretudo nos três anos do seu ministério público, foi um encontro incessante com as pessoas. Entre elas, ocuparam um lugar especial os doentes. Quantas páginas dos Evangelhos narram estes encontros! O parálítico, o cego, o leproso, o endemoninhado, o epilético e numerosos enfermos de todos os tipos... Jesus fez-se próximo de cada um deles e curou-os com a sua presença e com o poder da sua força purificadora. Portanto, não pode faltar entre as obras de misericórdia a de visitar e assistir as pessoas enfermas.

Juntamente com ela podemos inserir também a de estar próximo das pessoas que se encontram na prisão. Com efeito, quer os doentes quer os presos vivem uma condição que limita a sua liberdade. E exatamente quando ela nos falta, sentimos como é preciosa! Jesus deu-nos a possibilidade de ser livres, não obstante os limites da doença e as restrições. Oferece-nos a liberdade que deriva do encontro com Ele e do sentido novo que este encontro confere à nossa condição pessoal.

Com estas obras de misericórdia o Senhor convida-nos a um gesto de grande humanidade: a *partilha*. Recordemos esta palavra: a partilha. Quem está doente, sente-se muitas vezes só. Não podemos esconder que, sobretudo nos nossos dias, é exatamente na doença que experimentamos de maneira mais profunda a solidão, que permeia uma grande parte da vida. Uma visita pode levar a pessoa doente a sentir-se menos só e um pouco de companhia é um ótimo remédio! Um sorriso, uma carícia, um aperto de mão, são gestos simples, mas muito importantes para quem se sente abandonado a si mesmo. Quantas pessoas se dedicam a visitar os enfermos nos hospitais ou nas casas! É uma impagável obra de voluntariado! Quando ela é

feita em nome do Senhor, então torna-se inclusive *expressão eloquente e eficaz de misericórdia*. Não deixemos sós as pessoas doentes! Não impeçamos que elas encontrem alívio, e que nós sejamos enriquecidos pela proximidade a quantos sofrem. Os hospitais são verdadeiras «catedrais da dor», onde contudo se torna evidente também a força da caridade que sustém e sente compaixão.

Penso igualmente em quantos se encontram presos no cárcere. Jesus não se esqueceu também deles. Inserindo a visita aos encarcerados entre as obras de misericórdia, Ele quis convidar-nos antes de tudo a não sermos juízes de ninguém. Sem dúvida, se alguém está na prisão é porque errou, não respeitou a lei e a convivência civil. É por isso que se encontra na prisão, para cumprir a sua pena. Mas independentemente do que tiver feito, o preso continua a ser sempre amado por Deus. Quem pode entrar no íntimo da sua consciência, para compreender o que ele sente? Quem pode entender a sua dor e o seu remorso? É demasiado fácil lavar as mãos, afirmando que ele errou. Ao contrário, o cristão está chamado a responsabilizar-se por ele, para que quem errou compreenda o mal cometido e volte a cair em si mesmo. A falta de liberdade é indubitavelmente uma das maiores privações para o ser humano. Se a ela se acrescentar a degradação devida às condições muitas vezes desprovidas de humanidade nas quais estas pessoas se encontram a viver, então é verdadeiramente o caso em que o cristão se sente provocado a fazer de tudo para lhes restituir a dignidade.

Visitar as pessoas na prisão é uma obra de misericórdia que, sobretudo hoje, adquire um valor especial para as variadas formas de justicialismo às quais estamos submetidos. Portanto, ninguém aponte o dedo contra alguém. Ao contrário, todos nos tornemos instrumentos de misericórdia, com atitudes de partilha e de respeito. Penso com frequência nos presos... penso muitas vezes neles e trago-os no coração. Interrogo-me sobre o que os levou a cometer crimes e como puderam ceder às várias formas de mal. E no entanto, juntamente com tais pensamentos, sinto que todos precisam de proximidade e de ternura, porque a misericórdia de Deus realiza prodígios. Quantas lágrimas vi escorrer no rosto de prisioneiros que talvez nunca tinham chorado na sua vida; e isto só porque se sentiram acolhidos e amados.

E não nos esqueçamos que também Jesus e os Apóstolos fizeram a experiência da prisão. Nas narrações da Paixão, conhecemos os sofrimentos aos quais o Senhor foi submetido: capturado, arrastado como malfeitor, escarnecido, coroado de espinhos... Ele, o único Inocente! E inclusive são Pedro e são Paulo estiveram no cárcere (cf. *At* 12, 5; *Fl* 1, 12-17). Na tarde do domingo passado — dedicado ao Jubileu dos Presos — veio visitar-me um grupo de encarcerados paduanos. Perguntei-lhes o que teriam feito no dia seguinte, antes de voltar para Pádua. Disseram-me: «Iremos ao cárcere Mamertino para compartilhar a experiência de são Paulo». Foi bom, fez-me bem ouvir isto. Aqueles presos queriam encontrar Paulo prisioneiro. É algo bom, fez-me bem. E também ali, no cárcere, rezaram e evangelizaram. É comovedora a página dos Atos dos Apóstolos, onde se descreve o aprisionamento de Paulo: ele sentia-se só e desejava que alguns dos seus amigos o visitassem (cf. *2 Tm* 4, 9-15). Sentia-se só, porque a grande maioria o

tinha abandonado... o grande Paulo.

Como se vê, estas obras de misericórdia são antigas, e no entanto sempre atuais. Jesus deixou aquilo que fazia para ir visitar a sogra de Pedro; uma antiga obra de caridade. Jesus cumpriu-a. Não caíamos na indiferença, mas tornemo-nos instrumentos da misericórdia de Deus. Todos nós podemos ser instrumentos da misericórdia de Deus, e isto fará mais bem a nós do que aos outros, porque a misericórdia passa através de um gesto, de uma palavra, de uma visita, e esta misericórdia é um ato para restituir alegria e dignidade a quem a perdeu.

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! A todos vos saúdo, especialmente aos membros dos grupos e entes vindos do Brasil e de Portugal, convidando-vos a pedir ao Senhor uma fé grande para verdes a realidade com o olhar de Jesus e uma caridade generosa para vos aproximardes das pessoas com o seu coração misericordioso. Assim Deus vos abençoe a vós e às vossas famílias!

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de expressão árabe, de maneira particular aos provenientes da Jordânia e da Terra Santa. A visita aos doentes e aos encarcerados infunde-lhes muito alívio e encorajamento, a fim de que não sintam a amargura da solidão. A visita proporciona uma grande riqueza também a quantos a realizam e leva a dar graças a Deus pela bênção da saúde e da liberdade. Somos nós que nos enriquecemos, quando nos aproximamos daqueles que sofrem, porque quem sofre desperta em nós a certeza da nossa pequenez e da nossa necessidade de Deus e dos outros. Que o Senhor abençoe todos vós e vos proteja do maligno!

Dirijo uma especial saudação aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Hoje celebramos a Dedicação da Basílica de São João de Latrão, Catedral de Roma. Rezai pelo Sucessor do Apóstolo Pedro, amados jovens, a fim de que ele confirme sempre os irmãos na fé; senti a proximidade do Papa na oração, estimados enfermos, para enfrentar a prova da enfermidade; ensinai com simplicidade a fé aos vossos filhos, diletos recém-casados, alimentando-a com o amor pela Igreja e pelos seus Pastores.